Capítulo 1 – Um começo nada Humilde

No vasto continente de Meryan, onde a magia e a ciência caminham juntas. Um mundo com as mais variadas raças... Mas vamos devagar, pois a história é um pouco longa. Meryan o primeiro dos três continentes a entrar na era da ciência e seus avanços modernos, não é todo dia que vemos anões navegando em navio a vapor ou ligando os fios da máquina de holograma. Os mais velhos dizem que é magia, e mais novos dizem que é ciência. Mas nossa história começará a ser contada mesmo em uma pequena vila a sul de Meryan, onde certo jovem está prestes a começar sua grande jornada.

Em um remoto e pacato vilarejo, chamado Oronto ao sul de Meryan. Um vilarejo que bastante conhecido por ser um dos que menos sofre Ataques de monstros ou saqueadores. Até duas semanas atrás então, quando um troll vindo do norte, começou a devora o gado e destruir plantações próximas à floresta, onde a criatura está se refugiando. Alguns dos moradores já tentaram matá-lo, mas os que vão somem ou voltam quase mortos, os moradores aflitos com presença do troll, decidiram pedir ao chefe do vilarejo que pedisse ajuda a alguém forte o suficiente para matar o troll. Então ele mandou que espalhassem panfletos por todo o vilarejo, a fim de chamar a atenção de alguém forte o bastante para o serviço.

Passado três dias e ninguém apareceram para atender ao pedido, alguns moradores haviam se mudado para outros vilarejos. De remoto e pacato o vilarejo estava virando um inferno ninguém, mas saia de casa com medo, não tinham as plantações ou gados. O um único estabelecimento aberto era uma taberna chamada olho do gigante. Aonde tinha dois fazendeiros conversando sobre os acontecimentos e discutindo quem perdeu, mas vacas e porcos pro troll... Até que no meio da discussão uma figura encapuzada, abre a porta da taberna gritando:

- Seus problemas acabaram o grande Oliver, chegou para livrá-los dessa criatura horrenda. - mesmo com a gritaria do homem os fazendeiros voltaram a discutir sobre suas perdas.

- O rapaz senta aqui e vem beber - chamou o taberneiro enquanto pegava um copo pro homem.

- Obrigado, mas não posso tenho que saber onde está o chefe desse vilarejo. O senhor poderia me informa onde posso encontrar a casa dele - disse o homem puxando o capuz da cabeça. Ao tirar o capuz o homem não parecia ter mais que 23 anos. Seu rosto tinha um tom otimista e egocêntrico ao mesmo tempo, os olhos verdes dele brilhavam cada vez que passava a mão nos longos cabelos loiros e os jogava para os lados, tinha estatura mediana e ar totalmente confiante.

- Bem... Ele mora na última casa virando à esquerda, mas você quer mesmo matar o troll?

- Sim, claro, por que não é para isto que estou aqui - disse Oliver, enquanto saia da taberna indo em direção à casa do chefe.

- Coitado mais um pro troll comer... Coitado tão jovem - disse um dos fazendeiros.

- Aposto que não dura um dia! E você? - disse o outro colocando duas moedas de prata na mesa.

- Fechado, aposto um dia e meio. E o senhor taberneiro aposta quanto?

- Aposto, que ele traz a Cabeça do troll! - E volta a limpar o balcão.

Em direção à casa do chefe, todas as casas estavam fechadas ou abandonadas. A casa do chefe era a única onde à porta estava aberta e tinha um velho senhor sentado em sua cadeira na varanda fumando um cachimbo. E quando viu o jovem rapaz se aproximar inclinou-se para frente e fixou os olhos no rapaz.

- Olá, meu nome é Oliver, eu vim matar o troll. - Disse Oliver mostrando o panfleto.

- Meu rapaz, escute volte pra casa se ainda tem amor a sua vida. Esta criatura está além de seus poderes. - E volta a fumar

- Senhor, eu acho está me subestimando, eu posso. Diga me para onde é irei agora mesmo, acabarei com a criatura em uma só noite. - Disse Oliver.

- Ok se quer tanto assim sabe onde ele tá. Pois bem ele tá dentro da floresta, mas ele só aparece durante a noite, espere Anoitecer rapaz e poderá sair a sua caçada. Vamos sente-se aqui perto e me conte o que traz aqui, e a sua história até dar hora de sua missão. - Disse o velho inclinado se para trás e dando uma tragada mais demorada no cachimbo.

Oliver vinha de uma cidade chamada Horn á nordeste de Meryan, uma cidade pacata sem muitas aventuras para jovem feito Oliver, que toda vez que seu pai lhe contava sobre o continente de Meryan e seus poderosos heróis e vilões, o garoto ficava cada vez mais admirado com as historias. Quando Oliver completou seus dezessete anos, ele pediu a seus pais para viajar para Meryan a fim de tornar um grande herói dessa terra que tanto admirava. Seus pais ficaram um pouco apreensivo com a ideia, mas não impediram dele ir rumo a inesperado. Pegando o primeiro navio para Meryan, Oliver ficou apoiado na amurada olhando para o horizonte enquanto o navio se distanciava mais e mais das costas da cidade Horn.

- Olha hora esta ficando tarde – disse Oliver enquanto se levantava – Tenho Troll pra matar.

- Até a volta rapaz.

Oliver sai andando rumo floresta escura, enquanto caminhava ele reparava que todos os cidadãos do vilarejo estavam se trancado nas casas, a criança esbarrou nele sem querer por está correndo para casa. Mas logo se levantou e continuo a correr para os braços da mãe, Oliver seguiu com os olhos a criança até chegar perto da mãe, à mulher olho para ele com uma cara de tristeza e balançou a cabeça negativamente.

- Calmo Oliver, nada pode abalar – respirando fundo – Afinal um mago é implacável. – falando isso seu rosto voltou demonstrar confiança outra vez.

Ele passou pela taberna onde os fazendeiros estavam acenando para ele com sorrisos nos rostos. Ele acenou de volta, fechou a mão deu soco no ar e começou a correr para floresta. Dentro da floresta escura a segunda maior floresta de Meryan, Oliver tirou de sua bolsa uma poção que tinha escrito em seu rótulo “olhos de gato”, ele bebeu a poção.

A poção o permitia enxergar na escuridão da floresta. A floresta escura ficava assustadora a cada passo de Oliver. Ele sabia que não tinha tempo perde, tinha que começa procurar pelo Troll. A noite caia lentamente, mesmo que a lua já estivesse já alta no céu, Oliver ainda andava pela floresta procurando o Troll, mas não havia sinal algum.

- Onde está você? - gritando pela floresta. – Eu não vim machuca-lo, só corta seus membros – disse baixinho Oliver.

Alguns Quilômetros à frente o grito corta o silêncio da floresta, Oliver sai correndo em direção de onde grito estava vindo. Tropeça em algumas raízes, mas chega ao lugar de onde veio o grito. Ele tinha chegado a uma fazenda bem isolada do vilarejo, alguns metros havia uma pessoa caída no chão.

- Ei, você esta bem. – chegando perto da pessoa caída.

- Um monstro... – após falar, ele desmaia.

Perto do cercado das ovelhas, o troll ataca as ovelhas, fugindo com algumas ele destrói o cercado, e corre em direção à floresta. Algumas ovelhas passam correndo por Oliver. Ele começa a correr atrás do troll floresta adentro.

Sendo maior o troll abria uma enorme distância entre eles. Oliver seguia correndo atrás, sua visão estava perdendo o troll de vista, a poção estava começando a perde o efeito, Oliver não estava enxergando tão nitidamente na escuridão da floresta. Sem saber para onde correr, Ele para em clareira onde a luz da lua brilhava, iluminando pobremente uma parte da floresta.

Oliver se senta em uma pedra debaixo da luz da lua, para descansar um pouco. Colocando a mão na bolsa ele puxa outra vez o frasco com líquido que bebeu mais cedo, ele ergue o frasco e entorna tudo na boca. Quebrando o frasco no chão logo após de ter bebido to poção.

- Creio que agora irar durar mais tempo. – levantando – Bem, esse troll deve estar por perto. – colocando o dedo indicador e o polegar no queixo – A toca dele deve ser por aqui, ele não iria para muito longe, não arriscaria esta comendo e sol nascer o transforma em pedra. Pode correr, mas não pode se esconder, pois Oliver o Estupendo o achará e dará um fim em sua vilania.

Andando pela floresta já com visão modificada para enxergar no escuro. Ele achou os rastros de destruição deixados pelo troll, e também sangue espalhado pelo chão da floresta. A cada metro que ele se aproximava do troll o mal cheiro de carne podre ia ficando mais forte, Oliver se depara com enorme fogueira, sobre ela havia as ovelhas que troll havia roubado. Porém nenhum sinal do troll, Oliver caminha até a fogueira olha para todos os lados, em busca do paradeiro do troll, mas não o ver em canto algum.

No momento que Oliver sai de perto da fogueira e caminha até uma espécie de toca. Algo o atinge na lateral do corpo o arremessando longe contra uma árvore, ele fica desorientando com batida contra a árvore, ele levanta do chão com a cabeça meio tonta. Olhando para frente ele ver um vulto enorme correndo em sua direção. Se concentrando um pouco mais ele consegue distinguir o que vinha correndo contra ele.

- Aí está você. – pegando um tipo de varinha da bolsa, porém a varinha muda de forma se transformando em um cajado. – Agora, vamos ao que interessa.

O Troll vinha correndo, quando chegou a três metros ele pulou com os braços erguidos, punhos totalmente cerrados. Ele já estava em cima de Oliver, quando o mesmo girou o cajado é uma luz azulada, brilhou fortemente. Logo em seguida o troll era arremessado contra uma pilha de ossos.

O troll rugindo, ele se levanta caminha a sua toca e puxa um enorme clava lá de dentro. O troll tinha 2,80m de altura, sua pele era amarronzada coberta de verrugas e muco, seus braços eram tão grossos quanto os troncos das árvores. Ele volta correr agitando a clava, fazendo um golpe em arco vertical, mas Oliver se esquiva, agachando-se enquanto a clava destrói violentamente uma árvore. Rolando por entre as pernas do troll, Oliver gira o cajado e o desce rapidamente nas costas do troll, que o faz cair no chão abrindo um pequeno buraco.

- Acho que peguei pesado. – disse Oliver.

O troll se vira rapidamente e segura na perna de Oliver, erguendo o no ar. Quando o troll ergueu bruscamente, Oliver deixou cair o cajado no chão. O troll esbouça algo em forma riso em seu rosto, mostrando seus dentes amarelados. Ele arrasta Oliver até a fogueira, quando ergueu o braço para joga-lo.

- Izen – disse Oliver, toca no braço do troll o transformando em gelo. Em seguida chuta com perna livre fazendo quebrar os dedos.

O troll grita de dor pelo braço congelado, mas o termina de quebrar com clava. Rugindo mas desta vez com raiva e ódio no grito, ele avança contra Oliver. Que correr tentando alcançar o cajado antes de ser atingido pela clava. No último momento ele pula, a clava passa raspando onde ele estava arrancando grande parte do chão. Ainda não satisfeito o troll avança outra vez, descendo a clava na direção de Oliver.

A clava estava perto, Oliver ergueu o cajado contra clava e outra vez o brilho azulado apareceu, porém mais poderoso, explodindo a clava e vários pedaços e arremessando o troll contra fogueira. Correndo até o troll, Oliver pula sobre ele. Descendo o cajado sobre o peito do troll, o matando com pressão exercida em único ponto.

Quando Oliver percebe já estava amanhecendo, e daqui pouco o troll ia virar pedra. De volta ao vilarejo trazendo a cabeça do troll pendurada nas costas, ele andava totalmente confiante acenando para o pessoal do vilarejo que pouco a pouco iam saindo das casas para ver a cabeça do troll. Passando pela taberna onde os fazendeiros entregavam uma sacola de moedas para taberneiro, o mesmo atira uma moeda para Oliver. Pegando a moeda e agradecendo a gentileza, Caminha até casa do chefe do vilarejo, chegando lá ele mostra a cabeça do troll.

- Aqui está a cabeça do troll – soltando cabeça do troll no chão. – Agora onde está meu pagamento.

- Hm... Hm mm – dando uma tragada no cachimbo – Aqui estão vinte moedas de ouro. Com diz o panfleto.

- Obrigado, foi um prazer ajuda-lo – pegando a sacola.

- A propósito, ouvi boatos que em uma cidade ao nordeste daqui estão precisando de ajuda urgentemente. – falou o velho cutucando o olho do troll com bengala.

- Irei averiguar. Afinal não é todo dia que eles poderão desfrutar de Oliver o Estupendo.

- Isso... Isso – fazendo gesto com mão.

Oliver puxa o capuz e continua sua viagem em rumo ao nordeste daquele vilarejo, rumo a mais uma cidade tomada pelo medo e caos de alguma criatura demoníaca. Os olhos dele brilhavam avistando ao longe o sol clarear uma nova manhã no continente de Meryan.

Capítulo 2 – Sem insultos

A grama balançava suavemente ao vento quente do sul de Meryan, caminhando com mapa em mãos tentando encontrar Korneen. Um vilarejo que ultimamente vinha sendo alvo de ataques de um grupo de gnolls.

- Senhor poderia me dizer aonde fica Korneen.

- Sim, posso. – disse o homem. – Siga em frente, quando chegar a uma encruzilhada, vire à esquerda. Logo chegará a Korneen, mas meu jovem. Se eu fosse você não iria para aquele vilarejo, está tomado pelos gnolls. Eles comandam aquele vilarejo há semanas, eu ouvi boatos que mataram o chefe de lá, por ele ter enviando um mensageiro ao lorde Gondor.

- Bem, muito obrigado. Pela informação, mas tenho que ir até lá. – puxando um panfleto – Era pra eu ter chegado há duas semanas, mas eu me perdi. Outra vez, obrigado *meu jovem.*

O homem ficou confuso, pois não entendeu a ultima palavra dita. – Desculpe, qual foi a ultima coisa que você disse?

- Meu jovem.

- Sério, pensei ter ouvido você falar élfico, porque pareceu.

- Mas eu falei élfico, afinal eu sou um. – rindo sarcasticamente – Me chamo Alvor Hidenrod.

Esticando a cabeça para frente. – Verdade não tinha reparado as orelhas pontudas, mas você não tem cabelo grande, e também não tem cabelos claros.

- Estereotipo imbecil, só porque sou um elfo tenho ser desse jeito. Vocês humanos são as criaturas mais burras que existem, logo após os orcs, e os anões. – Alvor era alto, e esbelto como todo elfo. Seus olhos acinzentados olhavam raivosamente para o homem, seu cabelo preto era baixo dos lados com um topete no topo.

- Desculpe senhor. – gritou para alvor que já ia longe.

Alvor já estava na encruzilhada, olhando para os lados. Tanto para esquerda quanto para direita, pois havia esquecido por aonde ir daquele ponto em diante. Ele pensou em voltar e pergunta outra vez ao homem, quando algo vindo de um buraco o chamava. Desconfiado Alvor se aproxima cautelosamente, colocando a mão sobre o pomo de sua espada.

Chegando perto do buraco, espiando. Ele ver um jovem caído, Alvor retirar o rapaz do buraco. Encostando o em uma pedra, Alvor repara vários ferimentos que não foram feitos pela queda, mas sim por algo de corte.

- Garoto, como você foi parar lá embaixo.

- Os Gnolls... Eles me atacaram... Tenho que continuar... – tentando levantar.

- Ei calma aí – colocando a mão no ombro do rapaz. – Não poder ir a lugar algum.

- Porque não? Você ira me impedir – puxando uma adaga.

- Não, não vou impedir. – batendo na mão do rapaz fazendo a adaga voar longe – Suas pernas estão quebradas. Bem já vou indo... Mas uma coisa sabe pra onde fica Korneen?

Apontando para esquerda, o rapaz começa a chorar. – Eu devi ter saído, mas cedo como disse o mestre. Agora ele já deve estar morto, malditos gnolls. Maldito seja. – disse o rapaz chorando – Ei espera você vai nos ajudar.

- Claro no panfleto aqui diz “trinta moedas de prata, para quem livrar Korneen dos gnolls”. Mas não se engane por isso, só irei fazer porque preciso das moedas de ouro.

- Mesmo assim obrigado, eu iria mais você, mas não posso.

Acenando Alvor se distancia do rapaz, e caminha em direção a Korneen. Alguns metros do vilarejo, ele pressentia algo muito estranho. Pois não via gnoll algum, ou ser quer cidadãos perambulando pelo vilarejo. “*Algo está não está fazendo sentido”.*

Ao passar pela entrada do vilarejo, começa a sentir o cheiro de carne podre. Do poço no centro da cidade. Correndo até o poço, ele recua colocando a mão sobre o nariz, olhando outra vez ele ver vários corpos jogados lá dentro. Então uma voz ao longe o chamou.

- Senhor... Senhor aqui.

Procurando de onde vinha voz, ele se depara com gnolls entrando no vilarejo. Rapidamente a voz que o chamava se cala, levando a mão ao pomo da espada. Alvor caminha em direção ao gnolls, que até então não tinha percebido ele.

Pigarreando para chamar atenção dos gnolls. Com atenção ganha, os gnolls começam a rosnar, e puxar suas espadas.

- Quem é você, elfo.

- Ninguém, ou seria alguém. – disse Alvor ainda caminhando em direção a eles.

- Então ninguém ou seria alguém. O que faz aqui na nossa cidade.

- Nada. Só estava de passagem. Posso fazer uma pergunta.

- Sim. Pode fazer.

- Onde esta seu chefe. Queria fazer a pergunta a ele, não a você só passa de um subordinado.

- Como ous...

- Calado – disse uma voz rosnando ao fundo.

Abrindo caminho entre os demais, apareceu o chefe deles. Como todo gnoll ele se assemelhava a hienas, era mais alto que os demais, sua pelagem era branca-acinzentada com algumas manchas castanhas. Seus olhos amarelados brilhavam desonestamente, rosnando para um dos subordinados, ele mostra suas presas extremamente afiadas.

- Então faça a pergunta, elfo.

- Porque aquelas pessoas foram mortas?

- Por que não sabiam escutar minhas ordens. – fazendo um gesto com mão – Traga o pelerosa e o prenda com os outros.

Dois deles passaram puxando o rapaz que Alvor tinha achado no buraco. Ele estava desmaiado, os gnolls abriram uma das casas, e jogaram dentro. A casa estava cheia de pessoas, olhando discretamente para dentro dela. Alvor viu Varias pessoas assustadas “*Então foram eles que me chamaram”.*

- Eu não gosto de fazer isso, mas... – puxando duas adagas, ele as joga nos gnolls. Que caem mortos.

- Agora entendi o que veio fazer aqui. Matem ele. – fazendo um gesto com a mão.

Cerca de quinze gnolls avançou contra Alvor. Retirando sua espada da bainha, a lâmina brilhava. Girando a espada ele golpe os dois primeiros, arrancando suas cabeças. Dando dois passos para trás ele, se defende das investidas. Aparando, esquivando ou se abaixando, nenhum golpe se quer raspava.

Saltando ele passa por cima dos gnolls, e caminha até os outros dois que haviam morrido. Ele fecha porta da casa onde estavam os moradores do vilarejo, e retira as adagas dos corpos dos gnolls mortos. As guardando em suas bainhas, os gnolls ainda confusos com os movimentos e atitudes do elfo, ficaram parados.

- Bem, tiveram seus cinco minutos de vantagem agora. – limpando a espada – É minha vez de atacar.

Os gnolls rosnam, e três em três atacavam. Mas se deparavam com fio da espada, com o movimento em arco diagonalmente, ele corta um deles. Em seguida fazendo o mesmo movimento só que de cima para baixo ele corta outro, quando o último dos três primeiros avançou. A espada atravessou seu peito, enquanto o gnoll ainda estava com os braços erguidos segurando a espada.

Os três cercaram Alvor, que olhava para cada um deles. Atacaram simultaneamente, forçando Alvor pular para traz. Alvor avança brandindo, depois descreve em arco. Mas os gnolls se defendem, e começam atacar também. Atacando e defendendo tanto os gnolls quanto Alvor, até os gnolls começarem a se estranhar. Percebendo isso Alvor começa aparar os golpes, os desviando para cima dos outros. Assim os gnolls começaram lutar entre si, quando só um sobrou. Alvor decepou sua cabeça.

- Seis já foram, que tal vocês irem embora.

Todos rosnam para ele, agora todo o resto atacou junto. Fazendo Alvor recuar até ficar escorado na parede. Desviando dos golpes, ele pula para o telhado da casa.

- Não era pra eu ter vendido meu arco, agora seria a hora de usa-lo. – balançando a cabeça em negação – Minha sorte que eles são burros.

Alguns gnolls subiam para pega-lo, os que subiam caiam do teto, já mortos. Dois gnolls pularam sobre Alvor derrubando ele, de volta a chão agora cercado, e sem como defender. Pois sua espada tinha caído longe dele, Alvor viu seu fim.

Até um velho saiu da casa correndo e pulou sobre um dos gnolls, em seguida todos os moradores saíram das casas e começaram atacar os gnolls. Os gnolls recuaram em desvantagem, nesse momento o líder deles. Rosnou e saltou sobre os seus subordinados, com um machado de batalha.

- Voltem para a casa AGORA.

- Não vou mais me submeter a suas ordens. Seu cão vil. – disse o velho.

- Era para ter lhe matado antes, seu velho estupido. – mostrando as presas ao velho – Mas preciso de você para me disser onde esta o ouro da cidade. Enquanto não fala, matarei seu ultimo filho.

- Não, por favor, me mate. Mas não mate meu filho.

- Tarde demais. – empurrando o velho, e os demais cidadãos. Ele chega perto do garoto caído no chão, e desce o machado rapidamente.

Mas antes do machado chegar ao garoto. Alvor consegue chegar à espada, e impedir o gnoll.

- Essa passou perto. – empurrando o machado pra cima – Mas agora cansei de brincadeira.

Agitando rapidamente a espada, Alvor corta levemente o braço do gnoll. Que recua alguns centímetros.

- Que tal um acordo elfo. – disse o gnoll – Pagarei quarenta moedas de ouro, se você for embora.

- Quarenta? Esquecerá que matei alguns dos seus.

- Sim. Então temos um acordo.

- Creio que sim. Onde estão as moedas. – devolvendo a espada à bainha. – Qual seu nome líder gnoll.

- Mör, esse é meu nome. Tragam o ouro do nosso amigo elfo. – colocando a mão sobre o ombro de Alvor.

Se aproximando um dos gnolls murmura – Essa fadinha da floresta mata nossos amigos, e ainda temos que pago com nosso ouro. Já esta na hora de matarmos o Mör.

Pegando a sacola de ouro, ele a abriu para conferir as moedas. Amarrando a sacola ao cinto, ele exclama. – Sabe que a audição de um elfo é bem aprimorada, escutamos em longas distancias. Até mesmo o mais baixo murmuro escutamos. – puxando um das adagas e cravando na mão do gnoll que lhe entregou a sacola. – Se me chamar de fadinha outra vez eu arranco sua língua, hiena estupida.

- Eu achei que tínhamos um acordo, amigo. – disse Mör abrindo os braços.

- Obrigado pelas moedas, porém não posso deixar um insulto passar.

- E nem eu. – Mör dispara atacando com machado – Posso tolera você matar, alguns inúteis. Porém xingar ai já é demais.

Desviando das investidas do machado, ele puxar a espada. Brandindo, ele começa a aparar e atacar. O gnoll manda os demais também atacarem, aos berros eles atacam. Alvor continua a lutar implacável, golpeando rapidamente. Matando qualquer gnolls que pulasse na sua frente.

Os primeiros que atacaram perderam suas cabeças, pulando acrobaticamente sobre os corpos. Ele enterra a espada no pescoço de outro, retirando ele perfura a barriga do próximo, sobrando poucos entre ele e Mör. Alvor corre em uma velocidade que passa rapidamente pelos gnolls. Ele chega a Mör sem interrupções, mas o líder gnoll percebe e ataca com machado. O som de aço ecoa pelo vilarejo, rachando o machado do gnoll. Colocando mais força no golpe Alvor consegue quebrar o machado, e descrevendo um arco diagonal corta uma das mãos do gnoll.

Olhando para gnoll ajoelhado a sua frente – Agora, eu quero você e seus amigos. Saiam daqui, e não voltem nunca mais.

- Se eu não quiser elfo.

- Bem... – atravessando a espada na cabeça de Mör – Droga... Outra vez isso aconteceu.

Os outros gnolls saíram correndo, já que não tinham mais como vencer. O velho caminha até Alvor, fazendo uma rápida mesura e todos os outros moradores do vilarejo fazem o mesmo.

- Muito obrigado... Por nos salvar, espere aqui eu irei buscar sua recompensa. Creio que veio por causa dela.

- Sim, esperarei. – disse Alvor guardando a espada.

Minutos depois o velho retorna com uma sacola em mãos, entregando para Alvor.

- Aí estão trinta moedas de ouro como dito no panfleto. Eu tinha perdido as esperanças, já fazia semanas. – disse o velho – Eu não imaginei que eles invadiriam, e mataria.

- Gnolls são traiçoeiros, covardes e podres. Não se deve confiar em nenhum, eu acho que com isso devo comprar meu arco de volta daqueles anões.

Saindo da cidade Alvor volta abrir o mapa, até chegar à encruzilhada outra vez. Ele continua seu caminho de volta por aonde veio. Até chegar a cidade Korn, onde foi direto, a taberna espada torta.

- Ei você viu dois anões por aqui? – perguntou ao taberneiro.

- Sim, Eles partiram logo após você. – disse o taberneiro – Disseram algo sobre caçar um Troll Albino nas florestas ao norte.

- Droga... Nunca deveria ter feito negócios com anões.

Capítulo 3 –